

Religião, contexto, sagrado e pertencimento: povo indígena Xukuru-Kariri

Religion, context, sacred and belonging: Xukuru-Kariri indigenous people

Religión, contexto, sagrado y pertenencia: pueblo indígena Xukuru-Kariri

*Marcondes Silva da Rocha¹
José Bezerra²*

 <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe15876>

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo investigar a religião como manutenção e ressignificação da identidade do povo da Mata da Cafurna de etnia Xukuru-Kariri, localizado no município de Palmeira dos Índios, Alagoas. Essa proposta será concretizada por meio de pesquisa etnográfica, focalizando os ritos e significados da referida religião. Assim, será possível mostrar que a identidade de um povo não é marcada por um único aspecto que o torna diferente de outros grupos, mas sim por um conjunto de práticas, costumes e ritos vivenciados entre os membros do grupo.

Palavras-chave: Identidade. Índios. Religião.

Abstract: The main objective of this work is to investigate religion as maintenance and re-signification of the identity of the people of Mata da Cafurna of the Xukuru-Kariri ethnic group, located in the municipality of Palmeira dos Índios, Alagoas. This proposal will be implemented through ethnographic research, focusing on the rites and meanings of the said religion. Thus, it will be possible to show that the identity of a people is not marked by a single aspect that makes it different from other groups, but by a set of practices, customs and rites experienced among the members of the group.

Keywords: Identity. Indians. Religion.

Resumen: El objetivo principal de este trabajo es investigar la religión como forma de mantener y resignificar la identidad del pueblo Mata da Cafurna, de la etnia Xukuru-Kariri, localizado en el municipio de Palmeira dos Índios, Alagoas. Esta propuesta se realizará a través de una investigación etnográfica, centrada en los ritos y significados de esta religión. Así, será posible demostrar que la identidad de un pueblo no está marcada por un único aspecto que lo diferencia de otros grupos, sino por un conjunto de prácticas, costumbres y ritos vividos entre los miembros del grupo.

Palabras clave: Identidad. Indígenas. Religión.

¹ Universidade de Pernambuco (UPE). Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6579-197X>. Contato: msrletras@ufpi.edu.br

² Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5637-9932>. Contato: filosofojb@hotmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O propósito neste trabalho é fazer uma reflexão acerca povo indígena Xukuru-Kariri da Aldeia Mata da Cafurna, situada na zona rural do município de Palmeira dos Índios/AL. Pretendemos compreender como as relações religiosas são construções identitárias, balizadas para o reconhecimento e fortalecimento étnico do povo indígena da referida localidade.

A análise que aqui desenvolvemos está ancorada nos conceitos de memória e identidade, através da perspectiva da história cultural com amparo de referências bibliográficas. Assim, buscamos entender a construção identitária do cotidiano religioso e cultural dessa gleba a partir de relatos de memória coletiva para a construção de sua singularidade. A pesquisa em tela objetivou realizar uma investigação sobre a maneira como os integrantes da aldeia indígena Mata da Cafurna exercem suas formas de manifestações culturais, seus hábitos e costumes, bem como seu ritual religioso como forma de resitência e fortalecimento enquanto construção coletiva de um povo.

O percurso metodológico se consistiu no uso de procedimentos técnicos a partir da pesquisa historiográfica, de caráter qualitativo, baseado na história oral, documental, imagética e na pesquisa de campo. A proposta também almeja produzir um trabalho que possa utilizar diferentes fontes, por meio das quais possibilite identificar aspectos materiais e culturais do objeto de pesquisa proposto nesta investigação.

Palmeira dos Índios, município localizado no agreste alagoano, distante pouco mais de 134 km de Maceió, capital do estado de Alagoas, faz divisa com Pernambuco ao norte, e a oeste com o sertão. Tem sua economia voltada à agropecuária, propícia aos grandes latifundiários e ao seu comércio local e centros vizinhos. Possui um escasso acervo documental histórico no que se refere à sua formação, que pode ser encontrado em locais específicos como o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – GPIHGAL, fontes particulares ou documentos paroquiais e cartoriais.

No século XVIII, o local onde hoje se situa a referida cidade era ocupado por aldeamentos indígenas, segundo advogam Espíndola (1871) e Fonseca (1880). Era um local composto de matas nas regiões serranas e palmeiras na região da grotta. Aliado a isso, “os nativos formaram seu aldeamento entre um brejo chamado Cafurna e a Serra da Boa Vista” (TORRES, 1973, p. 27). Possivelmente, foi, segundo Torres (1973), que se originou o nome da cidade que faz alusão aos primeiros habitantes e a grande quantidade de plantas palmeiras em seus vales.



A história de Palmeira dos Índios é baseada em duas vertentes: uma lendária e romantizada que condiciona Frei Domingos de São José como seu fundador. Tal narrativa apresenta a atuação do missionário junto aos povos indígenas habitantes da região serrana. Os primeiros aldeamentos se dão pelos índios Xukuru e Kariri e a “Vila de Palmeira dos Índios foi criada em 1835 através da resolução Nº 10 de 10 de abril, assinada pelo presidente da Província, José Joaquim Machado” (PEIXOTO, 2013, p. 32). Assim, temos que:

Em 1740 desceram índios da aldeia de Simbres do alto Sertão e Pernambuco e vieram outros d’Aldeia do Colégio do rio São Francisco desta Província [...] aqueles da tribo Chucuru e estes da tribo Cariry. [...] os Chucuru se aldearam à margem do pequeno ribeiro, Cafurna, entre as terras da fazenda Olhos d’água do Accioly e Serra da Palmeira, fizeram o nome e o seu aldeamento [...] os Cariris, também deram o nome do lugar (sic) onde se aldearam, Serra do Cariry, onde fizeram uma pequena igreja de palha e palmeira (ANTUNES, 1973, p. 45).

Conforme o autor, entendemos como se deu a forte presença indígena na região de Palmeira dos Índios. Segundo Antunes (1973), em 1770 o português frei Domingos de São José chegou ao território com o intuito de catequizar os nativos. Tempos depois, o frei recebeu uma doação de meia légua de terra (1200 braças) datada em 1773 da sesmeira Dona Maria Pereira Gonçalves, para se fazer na região uma igreja consagrada ao Senhor Bom Jesus da Boa Morte. Ano mais tarde, a igreja foi mudada de lugar para a região plana onde hoje está localizada a igreja matriz e, com isso, também foi mudado o padroeiro, passando a ser Nossa Senhora do Amparo.

Em torno da referida igreja um povoado começou a ser criado, e, no ano de 1798, foi fundada a freguesia de Palmeira dos Índios, fazendo com que grande parte do território outrora ocupado pelos nativos fosse se tornando patrimônio privado. Cercas e delimitações começaram a ser frequentes pouco a pouco expropriando o índio de seu espaço, em um sentido que partia de baixo para cima no qual perdiam as terras planas e férteis, ficando com as áreas serranas. A partir de então, aconteceram conflitos e lutas pela garantia da posse da terra. Os embates perduram contemporaneamente.

A segunda versão consiste no mito presente na lenda dos índios Tilixi e Tixiliá, escrita pelo memorialista Luiz Barros Torres, que narra estória de um amor proibido de um casal de índios. Conta-se que, há mais de 200 anos atrás, Tixiliá estava comprometida ao cacique Etafé, porém era apaixonada pelo primo Tilixi. Um beijo proibido condenou Tilixi à morte por inanição. Ao ir ver o seu amado, Tixiliá foi atingida por uma flecha mortal de Etafé, morrendo próximo de Tilixi. No local de sua morte, floresceu a planta palmeira que simbolizava o amor intenso do referido casal.



De acordo com Silva (2017), “pode-se que a construção do índio palmeirense [...] mitificado por sua lenda e reafirmado por esses símbolos, conforme figura acima, traduz a imagem do índio brasileiro construído na Literatura, especificamente, no Romantismo” (SILVA, 2017, p. 28), confirmando a busca por uma identidade nacional, remetendo à figura do índio como a busca do mito fundador. Porém, vale destacar o que Oliveira (1999) afirma: “a representação mais comum sobre o índio sempre o situa como algo referido ao passado” (OLIVEIRA, 1999, p. 198). Palmeira dos Índios continua a seguir essa lógica, uma vez que as poucas vezes que o povo Xukuru-Kariri é representado pelo poder local aparece com apenas uma visão parcial e estereotipada da etnia e de sua existência. Assim, há uma romantização desproporcional, ao invés do real lugar que esse povo indígena ocupa enquanto agente de sua própria história.

Mesmo diante de tanto sofrimento, exploração e negação da cultura indígena, esses povos conseguiram com muita resistência e determinação garantir seus espaços de atuação e ressignificação. Garantiram por meio de suas práticas culturais e sua alteridade étnica.

Os Xukuru-Kariri não possuem diferenças físicas do não-índio do município de Palmeira dos Índios. Falam a mesma língua, usam as mesmas vestimentas, frequentam escolas, feiras e igrejas. Em algumas regiões do Brasil esta diferença se dá pela língua, contudo, no Nordeste, o contato com o europeu propiciou a sua substituição pela língua portuguesa e não existe mais a língua como elemento fronteiro. Apenas alguns vocábulos são usados no ritual que se originam dos vocabulários pronunciados do Tupi. Por conta disso, a religião tornou-se o elemento mais próximo para agrupá-los.

Sobre a religião dos Xukuru-Kariri pouco se pesquisa, graças ao silenciamento do índio quanto à questão que envolve o seu ritual religioso do Ouricuri, que é mantido como segredo cultural passado de geração em geração, longe do não índio. Esse segredo irá fortalecer o grupo e manterá uma grande fronteira entre a sociedade envolvente e atua como forma de pertencimento de seus troncos originários compartilhados apenas para o grupo.

2 OURICURI, ENCANTO E FÉ

Configuração da página As tradições religiosas (na sua pluralidade) denotam diferentes pontos de vista a respeito da relação com o transcendental. Nesse sentido, é importante ressaltar que só nos conhecemos e nos encontramos a partir da relação com o outro, revelando, assim, a alteridade presente na constituição dos sujeitos. O



conhecimento de uma religião indígena, entendida como algo construído, transmitido e transformado socialmente nas relações sociais, sobrenatural e/ou metafísico, supõe o conhecimento da língua e da cultura como aspectos constituintes.

Muitas religiões acontecem predominantemente de forma oral e com isso boa parte do aprendizado não ocorre de forma abstrata, em forma de estudo, mas no contato, na convivência e na participação concreta de atividades do dia a dia. Desse modo, o aprendizado acontece à medida que se vai analisando, observando e indagando, muito na linha do método etnográfico, elaborado pelo antropólogo Bronislaw Malinowski (1984), que se baseia na observação direta no aprendizado pela observação.

Um grande desafio em relação às religiões indígenas, diz respeito a aprender o mundo mítico, ou melhor, o universo simbólico indígena expresso nas narrativas, nos rituais e nos cantos. Trata-se de conhecer a lógica deste mundo no qual são estabelecidas relações com espíritos, que geralmente se localizam no interior da floresta ou nas profundezas da terra. É um complexo mundo particular desse povo que vem há um longo período garantindo sua particularidade étnica e cultural.

Nesse sentido, por meio de pesquisas de campo, relatos orais e entrevistas realizadas com moradores da comunidade estudada, podemos afirmar que as relações religiosas dos Xukuru-Kariri são sinônimos de fidelidade e respeito, mantidas sob total sigilo, pois esse povo mantém suas atividades religiosas, guardando-as sempre em segredo, funcionando de tal maneira que, para esse povo, torna-se o principal item de manutenção e de resistência em detrimento à dominação dos não-índios e a continuidade de suas tradições culturais. Diante disso, a religião vai figurar como ponto de representação identitária desse povo, garantido a singularidade de um povo do agreste alagoano por meio de um conjunto de elementos, dentre eles, o seu ritual sagrado, denominado de Ouricuri .

O Ouricuri, para o povo Xukuru-Kariri, é sinônimo de um momento de relação direta com o sagrado, visto que, para o índio Xukuru-Kariri, em particular da Aldeia Mata da Cafurna, trata-se de um local sagrado e de refúgio, que se afasta do mundo do não-índio, revelando aquisição de força, alegria, paz e saúde em um contato direto com as forças da natureza e suas entidades indígenas. Segundo Peixoto (2015, p. 275), “a expressão Ouricuri é originária do nome de uma planta nativa da região, pertencente à família das palmáceas (Cocos coronata). Dela se extrai a palha que serve como matéria prima para confecção de adornos, roupas e utensílios”. Tais entidades são denominadas de



“encantados”³, os quais, segundo a crença indígena, significa que os índios se encantaram no período bíblico do dilúvio, passando a viver em forma de divindades presentes na natureza, auxiliando seu povo.

Os encantados e/ou caboquinhos⁴ são entidades sobrenaturais do bem e isso não é compreendido pelos não-índios. Para os índios, os encantados são considerados ancestrais vivos que não passaram pela experiência da morte, por isso não são espíritos de mortos que faz alusão à religião de outras culturas como espiritismo, umbanda ou afins. É interessante observar o que diz Somé (2007, p. 26) sobre a concepção de espírito em sociedades tribais: “quando povos tribais falam de espírito, estão, basicamente, referindo-se à força vital que há em tudo. Podemos, por exemplo, citar o espírito de um animal, ou seja, a força vital daquele animal que nos ajuda a realizar o propósito de nossa vida e a manter nossa conexão com o mundo espiritual⁵”.

Em entrevistas realizadas na aldeia, ainda que de forma vaga, por ser algo proibido de ser explicado para não-índios, dar supostamente a entender que entre os povos indígenas existe o consenso de que os encantados tiveram vida humana, depois teriam se encantado, indo para o reino dos encantados ou reino da jurema, mas sem terem morrido. Eles não são espíritos desencarnados e continuam vivos. No ritual Ouricuri, ocorre o contato indiretamente com esses ancestrais que aconselham, alertam, ajudam nos rituais de cura e opinam nas decisões importantes da comunidade. Muitos encantados estão ligados às práticas medicinais, cura e prevenção de doenças.

Geralmente, os encantados procuram os índios através do sonho em que a divindade surge na forma de um animal ou de uma ave nativa e nem todos conseguem entender o significado desses sonhos. São heróis diferenciadores, cujo segredo é o núcleo da identidade indígena. A questão aldeia e encantamento estão indissoluvelmente ligados. Para o não-índio compreender tais ações, talvez seja algo complexo além do explicável e de difícil assimilação. Nesse sentido, nas palavras de Junqueira e Pagliaro (2009) fica notável:

³ Esse termo gera muitas inquietações quando mencionado dentro da aldeia, pois muitos índios não gostam ou incomodam-se quando se toca nesse assunto e mudam logo o rumo da conversa. Assim, existe uma grande barreira o que torna um pouco difícil maiores informações.

⁴ Etnônimo utilizado pela comunidade tribal em relação às forças encantadas, tem seu significado proibido a não-índios.

⁵ Esse termo é utilizado geralmente em alusão às religiões de matriz africana, porém no contexto não se aplica essa denotação. Na região de Porto Real do Colégio, entre os Kariri-Xocó, o termo “caboclo” consiste em dois significados: faz referência a descendentes indígenas oriundos de miscigenação de um índio com um branco. E faz alusão com entidades das matas, que vivem guardando e protegendo seu local sagrado de ritual.

Para entender o complexo conjunto de concepções que as envolve, é preciso seguir até o universo imaginário que lhes dá fundamento, em que são muitos os fenômenos que se cruzam, sendo difícil estabelecer domínios separados, limites claramente demarcados para manifestações da prática social, de conhecimentos técnicos, de saberes espirituais e de procedimentos mágicos. De um modo ou de outro, todos concorrem para explicar, justificar ou legitimar regras do convívio social, desempenhos rituais e intervenções práticas (JUNQUEIRA; PAGLIARO, 2009, p. 451).

Dessa maneira, um não-índio jamais poderá ter acesso, de fato, ao significado das práticas ritualísticas dos Xukuru-Kariri, já que existe uma barreira entre o índio e o não-índio nos rituais e não é permitida a entrada de não-índios, mesmo que estes estejam se relacionando ou já casados com algum índio(a). É uma fronteira inviolável entre o sagrado do índio e o mundo de todas as coisas da sociedade.

Essa fronteira e/ou segredo talvez possa ser explicada devido ao processo de colonização do Brasil, em que os ameríndios, em especial da região Nordeste e adjacências, foram vítimas de um contato bem mais brutal com o colonizador europeu e tiveram várias interferências em sua cultura, como a perda de sua língua nativa com poucas exceções na região⁶, costumes, danças e grande interferência, sobretudo, na religião proveniente da dura imposição do Cristianismo, que condenava os costumes indígenas e os classificava como práticas diabólicas, segundo Moreau (2003). Nesse mesmo sentido, Sá (1996) enfatiza:

A Igreja Católica, com toda sua força para impor uma fé aos índios, não obteve sucesso no sentido de distorcer os valores espirituais nativos, ou de desviar o povo do caminho de sua religiosidade. A essência e a grandeza dos troncos falaram mais forte. Estes mistérios não se explicam facilmente, são os marcos sagrados da existência e resistência cultural de um povo (SÁ, 1996, p. 3)⁷.

Dessa forma, diante de todos esses obstáculos oriundos da perseguição representada pela ascensão do cristianismo, os rituais religiosos cada vez mais tiveram que ser as escondidas do colonizador, mantendo essa resistência e existência cultural, praticadas em locais afastados e longe dos aldeamentos, por medo de serem vistos e sofrerem castigos físicos e atrocidades. Possivelmente, esses pressupostos percorreram gerações e gerações e atualmente o local de prática do Ouricuri é sempre afastado da aldeia, nas matas distantes e escondido de qualquer olhar do não-índio. Para os povos tradicionais, é na mata que também se encontram as divindades, os encantados, que

⁶ Isso se aplica aos povos da etnia Fulni-ô do município de Águas Belas, pois eles mantiveram sua língua tradicional, o Yatê, que é passada de geração em geração.

⁷ Essa informação faz parte de uma síntese da palestra apresentada pela índia Marilena Araújo de Sá, em 22 de outubro de 1996, no Museu do Recife. É possível encontrar na seguinte referência: QUIRINO, Eliana Gomes. Memória e cultura: os Fulni-ô afirmando identidade étnica. Natal, RN, 2006.



estão presentes em meio à natureza, portanto, a mata para o índio não é sinônimo de terra, de posse, a mata, quando passa a ser local de ritual, torna-se o sagrado, o local das divindades, refúgio do mundo material.

3 A VINDA DO SAGRADO ORIGEM DO RITUAL NA MATA DA CAFURNA

Na Aldeia Mata da Cafurna, o ritual do Ouricuri teve origem através do contato com os índios da etnia Kariri-Xocó, do município de Porto Real do Colégio. Isso aconteceu por intermédio de Dona Salete Santana⁸, a qual era enfermeira, funcionária da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, na aldeia da referida cidade. Por ela ter uma boa convivência e ser uma pessoa dedicada ao trabalho, e, sobretudo, ser uma índia que adquiriu confiança e prestígio do conselho tribal, foi, posteriormente, convidada a fazer parte do Ouricuri dos Kariri-Xocó. Posteriormente, os convites se estenderam para o Senhor José Augusto e Dona Etelvina (pais de Dona Salete) e suas irmãs Eleíta Santana, Cleide Santana, Marlene Santana e seu esposo Antônio Celestino, todos residentes na Aldeia Fazenda Canto.

Antes de ingressarem no ritual de outra etnia, os índios da Mata da Cafurna ainda residiam na Fazenda Canto e lá, sempre que necessário, praticavam as chamadas “fumadas⁹”, que consistiam em pequenas reuniões quinzenais ou mensais, apenas índios mais velhos podiam participar para discutir assuntos sobre as retomadas, os rituais religiosos e as curas, tudo isso enquanto fumavam suas chanducas¹⁰, cachimbos ou cigarros de palha. Muitas vezes, os mais velhos recebiam mensagens das forças sobrenaturais involuntárias, a fim de aconselhamento ou decisões para as pessoas que precisavam naquele momento. Quando os índios da Mata da Cafurna assimilaram as técnicas, as práticas e os aparatos do ritual, juntos aos Kariri-Xocó, tiveram a necessidade de um espaço para poderem guardar o “segredo” e efetuarem seus ritos longe dos olhos dos não-índios que ali também residiam.

Assim, foi preciso instituir o Ouricuri na Mata da Cafurna, a qual estava de posse da prefeitura de Palmeira dos Índios, conforme já mencionado nesse trabalho, recebendo

⁸ Salete Santana é uma índia Xukuru-Kariri, residente na Aldeia Mata da Cafurna e concedeu várias entrevistas entre os meses de novembro e dezembro de 2021.

⁹ Termo específico da comunidade pesquisada para designar encontros e/ou reuniões com lideranças. Não foi possível obter maiores informações uma vez que se trata de algo muito restrito e fechado para os membros da localidade, por conter informações e significados ligados ao ritual do Ouricuri.

¹⁰ Instrumento feito artesanalmente para fumar o tabaco (fumo). É uma espécie de cachimbo grande.



ajuda direta do índio Francisquinho, entre outros que vinham de Porto Real do Colégio sempre que iria acontecer o Ouricuri. Após esse processo de retomada, houve uma ênfase acentuada, fazendo da Mata um local sagrado para práticas do Ouricuri. Em vista disso, o Ouricuri é considerado a vida do índio e é a marca viva de suas constantes resistências. Em entrevista, o índio Lenoir Tibiriçá¹¹ relata o que significa a prática do Ouricuri na vida do nativo.

O Ouricuri para mim significa a paz, nossa liberdade porque o que nós possuímos o alimento, a saúde tudo vem desse lado aí... o lado sagrado onde nós levamos a nossa fé que é um deus vivo e sabemos que não podemos fazer aquilo de errado. O Ouricuri é o lugar de união, lá vamos adorar esse deus vivo a nossa maneira, nós canta, nós dança, só nós mesmo que entende, ali nós tamo (sic) pedindo um bom inverno, que nós tenha saúde, que nós tenha paz e que nós possa ajudar um ao outro.

Nas palavras de Leonir, fica explícito que o Ouricuri é um ritual de grande importância na vida dos indígenas e é considerado uma prática sagrada de cura e inviolável, momento de esplendor e alegria entre seus pares, haja vista que é nesse local que suas energias e fé são renovadas. O mesmo sentido se percebeu nos dizeres de Nhenety Korã¹², em seus relatos descritos na obra de Peixoto (2015).

O *ouricuri* (palavra sagrada) que não podemos revelar muita coisa, lá é onde buscamos força, alegria, amor, paz, saúde e coragem para enfrentarmos esse mundo aqui fora. Frequentamos nosso ouricuri quinzenalmente, mensalmente ou quando sentimos necessidade. Os padres ao chegar para catequizar os índios queriam nos obrigar a seguir a religião deles, mas para nós índios religião é só um rótulo, porque nosso pai **Badzér** não deixou religião para ninguém, nos deixou sim a nossa mãe natureza onde emite para nós força através do trovão, do ar que respiramos, da chuva que nos molha, da lua que nos clareia a noite e o sol que nos ilumina. E é lá no nosso ouricuri que nós conseguimos entrar em contato com tudo isso da natureza numa maneira especial (PEIXOTO, 2015, p. 276).

Esse pertencimento ao ritual sagrado também é visível nas crianças da Aldeia, pois desde muito cedo elas convivem com as idas ao terreiro, e sua participação no ritual é momento que constitui descobertas e particularidades com a religião, mas também com a cultura do seu povo. Todavia, elas só são apresentadas ao segredo quando completam sete anos de idade, a partir disso, são consideradas pelos mais velhos, capazes de entender o significado e silenciar quando questionados pelo não-índio.

¹¹ Lenoir Tibiriçá foi liderança atuante na Aldeia Mata da Cafurna, onde ocupou o cargo de Pajé na aldeia por algum tempo. Concedeu entrevista em sua residência no dia 23 de Junho de 2021.

¹² É liderança na aldeia atua com projetos sociais na comunidade, possui a organização Magia da Terra por meio da qual consegue parceria de muitos estudantes, professores e profissionais da saúde, promovendo vários cursos e projetos sociais aos parentes Xukuru-kariri.



De fato, o ritual sagrado dos Xukuru-Kariri é um elo com a natureza sagrada e as celebrações, com cantos e danças de cura e sabedoria e “é também no ouricuri que se celebram a vida e a morte. Trata-se de um momento de retiro em que o canto e a dança (toré) são utilizados como elo de ligação do homem com o seu Ei-u-Ká, o mesmo que Tupã (criador)” (MOREIRA; PEIXOTO; SILVA, 2010, p. 26) formando, dessa maneira, um conjunto de ritos (como em todo sistema religioso), no qual a estrutura ajuda a organizar o universo sagrado do dado sistema. Os ritos são definidos como “regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 1996, p. 24).

Nesse sentido, não se sabe, ou melhor, sabe-se muito pouco sobre as práticas rituais norteadoras do campo sagrado; sobre as normas aplicadas em forma de rito indicadoras de procedimentos coerentes para tratar o sagrado e ensinar a se comportar diante deste. É sabido apenas depois de muitas tentativas por ser algo muito particular desse povo, que os índios da Mata da Cafurna seguem à risca um ritual de purificação e abstinência dias antes de ocorrer o retiro, configurando-se num conjunto de regras e ritos passados de geração em geração, nas quais o corpo e a mente precisam estar puros e limpos.

Assim, isso significa ter cumprido as regras e restrições impostas para participar do ritual: abstinência de sexo por três dias antes do retiro, interdição do álcool e alguns alimentos considerados impuros, como a carne do porco. As transgressões dessas proibições podem deixar a pessoa “fraca” e “impura” e vulnerável às doenças e espíritos que rondam a mata, como informa Lenoir “Eles vão procurar os mais fracos, e desses, se aproximam para seus propósitos, por isso devemos tá (sic) preparado. Lá é um ambiente bastante perseguido” enfatiza o ex-pajé Lenoir Tibiriçá (PEIXOTO, 2015, p. 287).

O local físico do terreiro se situa no centro da Mata, que fica próxima à aldeia. Lá é um local afastado em meio à mata fechada, de acesso restrito, como mostra a imagem aérea da aldeia Indígena Mata da Cafurna. O local é formado por um grande terreiro de terra batida, em meio à mata, com ranchos de alvenaria, alguns de taipa, formando um grande círculo; no local não se têm energia elétrica nem água encanada. É um espaço longe das tecnologias e do mundo moderno, onde o silêncio e a paz da Mata garantem a tranquilidade e a conexão com o sagrado e com as forças da natureza em uma mistura de encanto e resplendor que só os povos indígenas podem vivenciar.





Figura 1 : Imagem aérea da Aldeia Mata da Cafurna

Fonte: Google Earth, acessado em 21/10/2021.

Na imagem, o destaque em vermelho apresenta o espaço denominado terreiro, onde ocorre o ritual religioso intitulado Ouricuri. Em amarelo, aparece o aglomerado de casas que compõem a aldeia. Na cor verde, evidencia-se o açude que abastecia a cidade de Palmeira dos Índios até a década de 1960 do século XX, quando se iniciou o processo de abastecimento d'água por uma empresa estatal (PEIXOTO, 2013).

Nos locais mencionados (terreiro, ouricuri), é proibida a entrada de não-índios, mesmo sem que esteja havendo o retiro, visto que o local envolve um conjunto de mistérios e proteção. Falar de Ouricuri com os moradores da localidade gera muita inquietação e mudanças bruscas de assuntos, o que aqui está descrito foi adquirido a partir de entrevistas na aldeia com membros que não desejam se identificar para preservarem sua integridade.

Geralmente, esse retiro é realizado de 15 em 15 dias, ou em intervalos menores, dependendo de alguma necessidade do grupo. Assim, os índios entram geralmente em um sábado, no período da tarde e só saem na segunda-feira ou terça-feira ou até permanecem mais dias, caso seja solicitado pelas divindades encantadas. Como confirma o escritor Torres (1984), “atualmente, os Xucurus-Cariris reúnem-se quase que semanalmente para o exercício religioso, no terreiro (poró). Como o índio é bailarino por natureza, seu espírito de religiosidade é manifestado através de danças” (TORRES, 1984, p. 36). Já Amorim (2010) destaca o poró para os índios Jeripankó como um local usado pelos moços (jovens) para vestirem o traje de fibra de caroá e se prepararem para entrar no terreiro como praiás.

Uma vez por ano realiza-se um ritual mais extenso, a denominada “Festa do Ouricuri”, que tem a duração de quinze dias e ocorre entre o final de janeiro e início de fevereiro. Nas palavras de Peixoto (2015): “A festa é um momento importante e de grande entusiasmo na aldeia. Um velho índio explicou: ‘Nós não temos nada, o Ouricuri é a nossa alegria’. Esse prazer que os índios sentem está relacionado com o equilíbrio encontrado na mata, espaço desvinculado do mundo profano, ou seja, da área onde estão localizadas as casas” (PEIXOTO, 2015, p. 13).

O termo “festa” é utilizado de forma diferente, pois não se refere ao conceito do senso comum, como shows, eventos com músicas, bebedeiras, danças etc. Para os índios, a “festa” se relaciona diretamente com as forças da natureza e o início de um novo ano. Trata-se de um período de maior importância no cotidiano da aldeia, momento de muita comida, fartura e boas novas, união, diálogo entre outras comunidades indígenas não só de Alagoas como de outros estados, para que o restante do ano seja sempre farto e próspero entre todos os seus pares. Em tempos de Ouricuri, as pessoas arrumam suas coisas e seguem para a Mata, local do evento religioso. Elas vão de carros, motos, caminhonetes, a pé, levam pertences pessoais, roupas, colchões etc. Assim, o vai e vem é constante e chega a ser admirável tamanha movimentação, já que é um momento de alegria e festividade para os participantes.

O ritual do Ouricuri é a maior e mais importante influência na vida espiritual de seus participantes, pois é em sua prática que todo conhecimento espiritual e medicinal se concentra, efetivando-se há séculos, livre de toda evolução que o mundo vive diariamente, longe de intervenções tecnológicas, políticas e sociais, garantindo, dessa forma, a preservação e a continuidade da identidade étnica e cultural desse povo.

Assim, a diferença vai caracterizar a identidade, esta marcada pela linguagem, pelos costumes, ritos e representações de um determinado grupo social. Dessa maneira, vale destacar o que Silva (2009) menciona: “[...] é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade (SILVA, 2009, p. 91)”.

Em vista disso, a representação, que se forma num processo cultural produzirá questões individuais embasadas nesse mesmo processo, nos indivíduos, nos grupos sociais, nos costumes e nas tradições. Segundo Hall (2005), a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, definindo e apontando a autoafirmação da indianidade do indivíduo em seu meio social. O ritual e seus costumes e práticas se tornam em



conjunto com vários outros aspectos a marca desse povo sua essência passada de geração em geração, ocasionando uma contínua manutenção de seus valores étnicos, morais e sobre tudo identitário do povo Xukuru-kariri.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar aspectos históricos do povo Xukuru-Kariri especificamente sobre os moradores da aldeia Mata da Cafurna, observando sua trajetória, suas particularidades identitárias foi, de fato, uma grande realização por proporcionar apreender conhecimentos ímpares sobre aspectos importantes e característicos da cultura e tradição desse povo. O presente estudo contribuiu na tentativa de preencher espaços existentes no processo histórico do povo indígena da Mata da Cafurna, viabilizando maiores informações obtidas em relatos dos próprios índios, relatos estes guardados em suas memórias e que talvez com mais pesquisas como essa não permitam que se percam no tempo. Buscamos identificar seus costumes, ritos sagrados e seu processo de fortalecimento identitário por meio de seu ritual religioso.

Desenvolver este trabalho foi desafiador, pois existe um grande cuidado e respeito no que se pode e se deve ser pesquisado e exposto sobre o ritual sagrado, já que se trata de uma temática muito restrita e pouco explorada. Dessa maneira, todo o trabalho foi acompanhado por algumas lideranças, constatando o foco e o conteúdo da pesquisa. Foram necessárias muitas coletas de dados, anotando, gravando áudios em MP3 e fotografando eventos escolares, de saúde, palestras, ou reuniões na comunidade, obtendo, assim, um acúmulo de muitas informações de suma importância para a efetivação dessa pesquisa. Obviamente, sem esse esforço em conjunto e apoio de amigos indígenas tal pesquisa não seria possível.

O propósito maior foi conhecer a trajetória histórica dos aldeados da mata da Cafurna e tornar público seu histórico de resistência e o modo de como garantem sua representação social e seu pertencimento aos valores culturais e étnicos de seu povo, e suas especificidades a fim de possibilitar com a leitura dessa pesquisa conhecimentos prévios a indivíduos que pouco conhecem essa cultura, possuindo pouco ou nenhum conhecimento a respeito dos povos indígenas.



REFERÊNCIAS

AMORIN, Siloé Soares. **Os Kalankó, Karuazu, koiupanká e katokinn**: resistência e ressurgência indígena no Alto Sertão alagoano. Rio Grande do Sul: Departamento de Antropologia Social, Tese de Doutorado. 2010.

ANTUNES, Clóvis. **Wakona - Kariri - Xukuru - Aspectos Sócio-Antropológicos dos Remanescentes Indígenas de Alagoas**. Maceió: Facepe UFAL – Imprensa Universitária, 1973.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Nacional.

ESPÍNDOLA, Thomaz do Bonfim. **Geografia Alagoana**. Maceió: Typografia do Liberal, 1871.

FONSECA, Pedro Paulino da. **Dicionário histórico e geográfico da província das Alagoas**. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Alagoano, 1880.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

JUNQUEIRA, Carmen; PAGLIARO, Helois. O Saber Kamaiurá sobre a saúde do corpo. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 57, p. 451-461, Set./Dez. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta**. São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima. PEIXOTO, José Adelson Lopes. SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna: ouvir memória, contar história**: Tradição e Cultura do Povo Xucuru-Kariri. 2. ed. Maceió: Edições Catavento, 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Ensaio em antropologia histórica**. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 1999.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto**: Os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em



Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. Do toré ao ouricuri: religião, tradição e cura entre os índios Xucuru-Kariri. In FERREIRA, Gilberto Geraldo; SILVA, Edson Hely; BARBALHO, José Ivanilson Silva (org.). **Educação e Diversidade**: um diálogo necessário na educação básica. Maceió: edital, 2015, p. 272-293.

SÁ, Marilena Araújo de. **“Yaathe” é a Resistência dos Fulni-ô**, 1996. (Apostila avulsa).

SILVA, Edson. **Xucuru**: memórias e História dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988. Recife: Editora UFPE, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) et al. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. São Paulo: Odysseus, 2007.

TORRES, Luiz Barros. **Os Índios Xucuru e Kariri em Palmeira dos Índios**. Revista do Inst. Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió: 1973. (Vol. 30)

TORRES, Luiz Barros. **Os índios Xucuru e Kariri em Palmeira dos Índios**. 4. ed. Maceió: Igasa, 1984.

